

JAIME DE MAGALHÃES LIMA

DIFICULDADES
ÉTNICAS E HISTÓRICAS DA
INSINUAÇÃO DO NACIONALISMO
NA ARTE PORTUGUESA CON-
TEMPORÂNEA



IMPRESA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA - 1931

DIFICULDADES ÉTNICAS E HISTÓRICAS DA INSINUAÇÃO DO NACIONALISMO NA ARTE PORTUGUESA

I. Por uma justa e tenaz reacção, pretendemos, modernamente, restituir à nossa arte o seu carácter e genuinidade nacional. Corrigindo, severamente, inveteradas tendências de imitação e cópia da arte alheia, que nos dominaram a ponto de por elas renegarmos as nossas qualidades próprias nativas e tôda a sua graça; particularmente, no propósito de nos curarmos dos francesismos que anchamente se apossaram do nosso espírito e da nossa vida desde o princípio do século XVIII até às últimas décadas do século XIX, tentamos hoje com grande afêrro e muito culta inteligência um verdadeiro e depurado renasci-

mento nacional. Sobretudo reclamamos uma renovação profunda da nossa literatura, de facto já não de todo destituída de bons exemplos práticos de feliz êxito da nova aspiração. Queremos uma literatura com sabor étnico e local acentuadamente português, retinto, tôda fabricada e modelada de materiais explorados exclusivamente, ou pouco menos, em a nossa alma e em a nossa terra, vibrando o seu ritmo íntimo e externo e nenhum outro, da sua substância psíquica como da sua linguagem e de tôdas as suas formas tangíveis fazendo património, intacto e intângivel, em sua atmosfera privativa corado e por alentos de nenhuma outra desbotado.

Êste nacionalismo suscita, porém, problemas de uma complexidade extrema. Apesar da alvoroçada simpatia que o acolhe e das boas razões que o protegem, entre o carinho inteligente que lhe assiste da parte de notáveis e superiores talentos re-

ligiosamente inspirados, logo o convertendo em realidade prática de elevado quilate, sem embargo de tantos favores parece hesitar, tardar e até por momentos succumbir, mesmo onde com mais decidida fortuna se manifesta e prevalece. Parece que êste nacionalismo sempre se sente e acha mais em retalhos e fragmentos de muito vária perfeição e acabamento, do que se encontra incorporado em caudal que trasborde e inunde todo o ambiente e o esmalte de suas irradiações privativas. A custo se liberta de certa condição ancilar. Porventura tropeça em estôrvos já tão firmemente cravados no chão que se tornaram indestrutíveis, e nem por ser nacional deixará de encontrar, opondo-se lhe e contrariando-o de-veras, impulsos étnicos constitucionais, orgânicos, indeclináveis.

Isto quanto aquilo que chamarei as possibilidades inerentes à substância originária actual sôbre a qual o nacionalismo tem

de operar, isto quanto às qualidades virtuais do nosso temperamento; pois quanto à largueza e feição das possibilidades que o movimento histórico faculte ao renascimento nacionalista, a cerração é grande. A custo achará bússola segura que o oriente. Quanto aos bens e regra que lhe possam vir de herança declarada e conservada a preceito, quanto a instigações do que foi feito e vivido e que por tenacidade da experiência seja valor fundado, dispensando todo o esforço de invenção, por êste lado os embaraços, quando maiores não sejam, serão pelo menos tão grandes como aqueles que provem de nossa condição mental congénita.

II. Para ser vernáculo, de raiz, uma fé expressa e transparente em tôda a nossa existência concreta e iluminando-a, para ser mais e melhor que uma convenção, uma pauta e um sistema aplicado a todo

DIFICULDADES DO NACIONALISMO

o nosso modo de ser, e governando-o e adornando-o em cumprimento da lei humana, positiva, que não cura da presença de um princípio espiritual íntimo donde venha; para vingar e ser forte e ágil, isento de anemia e impostura, o nacionalismo estético carece, em primeiro lugar, de viver na mais perfeita e afectuosa familiaridade com as realidades físicas elementares que nos cercam e a cuja acção e pressão estamos de continuo sujeitos. Carece de se fundar inicialmente em temperamentos naturalistas, atentos a todo o aspecto e palpação da natureza e nela se deliciando, exultando na contemplação de todos os fenómenos naturais visíveis, desde a nuvem e a rocha até ao homem, graduando-os, classificando-os e ligando-os, e nas suas mais fugidias delicadezas, relações e dependências os compreendendo e amando. O naturalista, se o comove a cintilação confusa da paisagem, logo a essa mesma

comoção quer juntar o *conhecimento* de quanto essa paisagem encerra e a alma, tôdas as suas criações naturais, pedras, montes, águas, florestas, e os animais bravios e as aves, e as aldeias e os lares, que são também criações naturais, tais quais a colmeia e a abelha.

Assim é que o nacionalismo não prescinde de possuir na base, e inteligentemente, em plena e esclarecida consciência, uma fauna, uma flora, uma geologia e uma metereologia próprias, as quais para êle não serão apenas um prolongamento acidental do seu domínio e uma preferência dos sentidos de quem o vive, mas, rigorosamente, uma necessidade urgente e exclusivista, que não tolera substituição nem mescla.

Ora o português, só por excepção, e raríssima, é naturalista. Suporta o ambiente e adapta-se sem maior impaciência nem violência às suas exigências, mas não procura conhecê-lo em seu sêr e movimento

íntimo, nem pelo conhecimento tentará alimentar e acrescentar a afeição que obscuramente lhe tenha, ou fortalecer e governar a obediência com que no ambiente se incorpora. Temperamento muito mais activo que contemplativo, o português não será dos mais rebeldes a endurecer a sensibilidade na rudeza da acção, e dêste modo, quando no ímpeto não atropela a beleza, ignora-a e passa por ela sem a sentir, sobretudo se a beleza mostrando-se delicada, como na filigrana do musgo, não prescinde para seu apreço de sentidos menos rudes, mais penetrantes pela susceptibilidade em que os haja educado a quietação e o repouso. Em matéria de naturalismo, o português será como quem usa o pano e o aconchega ao corpo e se alegra na sua flexuosidade à qual se habituou, e até do «bom capote» tem saudades quando caiu em o trocar por um «mau capelo»; mas nem por isso algum dia atenta nos primo-

res do fiado e da urdidura e, desinteressado da comodidade, se enleva na observação e no louvor da maravilha, e daí por consequente curiosidade de saber vem a desfiar o entrançado subtil e a arte cândida que semelhante criação concebeu e executou.

Não é naturalista o português, como aliás não é naturalista todo o latino. O naturalista é nórdico.

Em contacto com a natureza, o latino poderá ser idílico e bucólico, alternando deliquescências fagueiras com ardores dionisíacos, ávidos de possuir; mas a sua predilecção é o homem, não é a natureza exterior àquela que no homem pulsa e se contem. A sua preocupação constante não refere o homem à natureza, refere a natureza ao homem; sòmente em momento e arrôjo de santidade se resigna a humilhar o homem à natureza e dar-lhe na natureza um lugar mínimo.

DIFICULDADES DO NACIONALISMO

E assim é também o português, em tudo sem dúvida o mais latino dos povos latinizados.

Que o digam as nossas escolas e universidades, e os rapazes que lhes povoam as aulas. Por fortuna lá se achará um entre mil, com propensão ou vocação naturalista arreigada, é *avis rara* no ajuntamento quem por prazer se absorva a examinar as pedras, as flores e os insectos, quem se extasie na revelação das suas misteriosas harmonias e se quede a sondá-las. Tarefas desta espécie, para a juventude escolar do nosso país, são um encargo e um enfado que a tirania dos exercícios e das provas regulamentares do curso lhe impõe. No instante em que tais fadigas rematou, para não mais se lembrar do saber provisório a que a obrigaram, sente um abençoado alívio. Para a nossa gente, o naturalista, onde por milagre a sorte o inventa, é considerado ser de excepção, um excêntrico,

um *curioso*, muito feliz quando não topar com o sorriso desdenhoso de homens práticos que o reputam maníaco.

III. A única espécie de naturalista com que o nosso temperamento se compadece é o caçador.

Esse observa, e *conhece*, o correr das estações e as intempéries, e a doçura do sol do outono e a rispidez dos frios e das neves de Janeiro, e a violência do vento e a escabrosidade dos montes, e o deslizar manso das águas onde o declive suave as não apressa, e as outras águas rumorosas, que se precipitam do açude; sentiu a verdura dos campos e quis saber e sabe por prolongada familiaridade, a espécie de cada erva que os cobre, e considera e não esquece o florir do cômodo e a sua selva, e a diferente sombra do souto, do pinhal e da devesa, e o ar vivo da cumiada e a frescura do vale e o seu repouso; e sabe, de

certeza, os hábitos e os passos dos animais, e o vôo das aves, e onde moram, e suas camas e ninhos e sustento, e a sua astúcia e cautela e artes de defesa, e os seus inimigos e os seus companheiros, onde dormem, onde se acoitam, onde pastam e onde criam e onde combatem e se devoram; quando acordam e quando velam, quando vão a prover-se de sustento e quando descem a procurar a nascente e a saciar-se, e quando recolhem aos poisos ensombrados. E ao fim do dia penoso e afdigado, o caçador foi pernoitar na choça montesina e aquecer-se à lareira, a contar as aventuras que correra. Entretanto, aprendeu quem é que ali habita, e acercou-se do lume, hombro a hombro, com aquela gente, escutou-lhe a fala e a confissão da sua alma e crenças e tradições e canseiras; partilhou com ávida delícia do caldo e da broa da sua malga; bebeu do seu vinho, ali mesmo espumado do seu tonel, e

adormeceu feliz nos lençóis de estôpa da enxêrga de faixas de palhas do centeio, criado entre os fraguedos, e grato abençoou o divino socorro da generosidade hospitaleira que a um canto da cozinha defumada lhe aconchegou o leito. E, depois, quando o caçador volta à cidade, é encanto ouvir-lhe a narração pitoresca, e com o seu sal, dos trabalhos e das glórias da afanosa jornada; o tumulto e a agitação da perspectiva, onde a vida se move impetuosa e virgem, e o palpitar da gandra e da floresta, então cantam em còro, quando os não excedem em largueza e acentuação, com os feitos e a destreza jactanciosa do aventureiro desvanecido das maravilhas da sua arma certa e das proezas vertiginosas dos seus lebreiros, e da sagacidade genial dos seus podengos.

Na verdade, o caçador é, sem dar por isso nem o querer, um grande naturalista, de vastíssimo e variado saber.

Mas o naturalismo do caçador é acidental, simples condição envolvente de uma aspiração principal que êsse naturalismo serve. A sua arte e o impulso inicial é lutar e apreender; não é saber. O seu sentir é amor da acção e orgulho de êxito; não é a paixão de conhecer, nem a humildade de inquirir do que lhe seja superior, nem muito menos o anseio de primores de expressão. Os seus affectos, simpatias e dedicações graduam-se pela utilidade e conveniência com que a natureza e o seu ser lhe favorecem aspirações concretas de presa e de conquista; e não pelo fervor com que êle se proponha louvar a natureza, prescrutando-lhe os mistérios e interpretando-lhe os modos sòmente para nos comunicar a beleza que lá descobrir ou sonhar. Para o naturalismo do caçador a Natureza não é santuário de visões, oráculos e orações, não é sequer claustro de recatado e atuado estudo; é um vasto campo de corre-

rias ambiciosas, com suas ondulações propícias umas, outras contrárias. O caçador só é artista episòdicamente, o seu esforço não se filia em religião, é apenas um apetite; e porque de religião não cuida, não pode prender-se com a preocupação da beleza que invariavelmente anda associada a uma religião, que é uma das faces da religião. Atleta, de todo possuído do espírito de combate, embevecido no engrandecimento e ostentação ingénua da própria valentia, o caçador não saiu ao monte a empenhar-se em riscos e canseiras para glorificação da formosura divina e do divino alento da natureza; a sua lida é de carácter heróico, não é missão contemplativa, não é sacerdócio nem culto isento, é um labor meramente solipsista. Pensa na glorificação do seu arrôjo e façanhas correlativas, caminha e apressa-se sòmente para vencer, assolar e desfazer aquela mesma natureza que para o artista é a mãe purís-

sima da comoção da obediência e admiração que lhe bafejou a inspiração e as obras e nas suas obras palpita e nos toca.

De forma que o naturalismo do caçador, por viçoso e não raro eloqüente que se nos mostre, sempre se ressentido do espírito de pugnacidade que o move e tutela, e só por acaso e passageiramente, ou melhor, distraidamente, se transpõe em arte. Na obsessão de seus fins práticos, tende a converter-se em qualquer coisa semelhante a um instrumento profissional mecânico; não é uma eficaz e materna insinuação estética.

IV. Em regra, a arte nacional portuguesa, onde em nacionalismo reflectido tem tentado inspirar-se, sempre acusa a nossa insuficiência de aptidão e preparação naturalista.

O nosso nacionalismo estético anda domiciliado nas cidades, é urbano, cultiva-se

na cidade; e o nacionalismo, para se nutrir de alimento consentâneo, tem forçosamente de ser rural. No fundo, o nacionalismo é, em primeiro lugar, a expressão da afeição à terra e às criações que a terra gera; nas calçadas, pelas quais usamos espalhá-lo nas cidades, morre à míngua de chão onde entranhe as raízes. Além do que, a cidade é pela condição da latitude do seu comércio inevitavelmente internacional: o mercado a edificou, e a essência e sobretudo a grandeza do mercado, por não dizer o seu ponto de honra, consiste em ser abastecido por muitas vias, e acumular, ligar e fundir as diversas actividades e variados bens de que essas vias são as artérias túmidas e latejantes.

É a cidade uma fábrica constante de remodelação do carácter da gente e das coisas, e entretanto certo é que a arte intencional, consciente, profissional, à qual pretendemos impor o renascimento e feição

nacionalista, essa arte sempre foi e não dá sinais de deixar de ser cultura pouco menos de privativa dos agrupamentos urbanos. Desde Atenas até Florença e Paris, nunca esta arte, que é produto da nossa vontade consciente, pôde facilmente desprender-se da sua condição urbana.

O que não invalida a sua coexistência com uma outra arte realmente nacional, fenómeno natural que por si subsiste, independente de nossa intervenção e desígnio — a grande arte, que mora nos campos e se acolta nas choupanas, sem programa nem sistema nem escola. Filha da necessidade e da intuição, revestimento espontâneo e obrigado da vida em seus modos de ser externos e na vida se consubstanciando, essa arte é tão inevitavelmente nacionalista quanto inevitavelmente internacionalista é a arte urbana; e essa arte espontânea não espera que a inflame e traduza o talento e o génio individual privi-

legiado, aos quais possamos pedir as razões das suas criações e as responsabilidades da perfeição ou imperfeição em que haja sido levada a cabo por êsses eleitos da sorte.

V. Considerando a história da nossa arte, onde nacionalista foi e é ou quis ser, sempre encontramos persistentes influências de urbanização que a enleiam, agravando a pobreza psicológica de tendências naturalistas que nos impede de dar uma base sólida ao nacionalismo.

Os melhores artistas que entre nós têm praticado o nacionalismo, sofrerão em maior ou menor grau dêsse desprendimento do contacto imediato da natureza.

Mesmo Ramalho Ortigão, nacionalista autêntico, e justamente consagrado, nessa qualidade o maior das nossas últimas gerações, tão zeloso, sincero e espantosamente sensível na sua afeição à nossa terra

comum, mesmo Ramalho, com tão bons direitos a pontífice no seu luzido grémio, será sem maior embaraço achado em minguada de capacidade naturalista, se bem lhe sondarmos suas piedosas e excelentes obras. Tão viajado em as nossas terras e durante tãda a sua vida em tão assíduo e querido contacto com os nossos montes e os nossos rios e as nossas veigas e as nossas vilas e os nossos palácios e as nossas aldeias e os seus campanários e choupanas, amou e exprimiu um nacionalismo muito mais caseiro e fabricante que do ar livre e à lei da Natureza. Mais oleiro e tecelão que cavador e pastor, mais cozinheiro que hortelão e mais lagareiro que vinhateiro; muito menos jardineiro que armador e estofador, mais propenso a enlevar-se em reflexos doces da cerâmica e na urdidura da indumentária do que inclinado a dilatar-se na contemplação da robustez da enxada e da charrua e na graça dos fumos da humidade

da leiva; mais facilmente arrebatado no desenho intrincado dos monumentos, em cuja presença se alongava, ávido da sua sombra, do que embebido na fortaleza nodosa das carvalheiras ou na dourada macieza dos musgos cetinosos que vestem a terra: — Ramalho, em seu deleite de uma sensualidade cândidamente acordada por tôda a vibração do ambiente nacional, ainda a mais ténue, e traduzindo em arte magnífica êsse ambiente, ainda assim, nas suas propensões habituais, antepôs às criações da Natureza as invenções do engenho humano, e aí deu provas do urbanismo que o prendia. A oficina e a destreza que a anima e a nobilita, e as formas que na oficina e por mão dos homens se modelaram, e as côres que na oficina se distilaram, poderam mais nos affectos de Ramalho que a Natureza na sua esplêndida e desenvolta liberdade, embora esta muito pudesse no seu ânimo e o atraísse vivamente.

Assim, por frouxidão de virtudes naturalistas congénitas que sobrelevassem à absorpção subtil da atmosfera urbana que respirava, o nacionalismo de Ramalho, de boamente e a amiúdo se encerrou na móbil da casa e na graça das fainas domésticas, constituídas em divindades lares e poderosas, senão soberanas, das quais o artista foi sacerdote fervoroso e afortunado missionário, que converteu muita gente, cativada, felizmente cativada, pelas retumbantes antífonas e louvores de tão fiel intérprete. Teria, todavia, escapado a Ramalho, ou foi relativamente breve na sua obra aquele nacionalismo vital que se crava fundo na terra e dela brota, êsse que encontramos florescente e inconfundível nos aldeões de Tolstoï, ou nos seus companheiros eslavos e escandinavos, dos Bojer, dos Knut-Hamsun, das Selma Lagerloff e particularmente dêsse singular e soberbo Ladislau Reymont que a Polónia teve a ven-

tura de mandar ao mundo, a anunciar, mais uma vez, o génio do seu povo.

VI. ¿E a língua?!... ¿Onde é que a arte escrupulosamente nacionalista quiere aprendê-la, essa mesma arte nacionalista que por mais que construa e teça e forge e informe e palre e pinte, nunca será senão um resíduo, o apagado vestígio de uma alma, emquanto não tiver a cantá-la uma voz, um timbre e uma modulação, uma ressonância de harmonias íntimas que por nenhuma outra faculdade senão pela linguagem poderão exprimir-se e comunicar-se?

Grande parte da língua portuguesa, e, sem embargo, como valor de arte a melhor parte, anda a monte pelas serras e pelos povoados distantes que de longe em longe esmaltam os montes ermos. Exilada dos dicionários e das gramáticas pela indiferença de certa sapiência escolar aris-

tocrática, impertigada e afinal ignorante, conhecem-na um Leite de Vasconcelos ou um Júlio Moreira, um Dr. Silva Correia e os poucos, muito poucos, da sua devota confraria. Só êsses é que a estudam nas suas formas e movimentos livres, em estado de fenómeno natural e histórico; mas, entretanto havendo elevado a língua portuguesa, como ciência, a uma altura magnífica, não pensam em a transpor para obras de arte, que aliás as tarefas da sua eleição não compreendem.

O próprio Camilo, que tão insistentemente quis nacionalizar a sua linguagem, e neste propósito excede com êxito muito singular a grande maioria senão a totalidade dos escritores portugueses modernos, o próprio Camilo teria avolumado pouco em vocábulos o dicionário, se compararmos a soma dos seus aditamentos com a abundância que não colheu e ficou no baldio e por êle vagueia erradia, à espera que

os filólogos nas suas beneditinas jornadas a levantem do chão e no-la mostrem e ponham em uso — crescendo que, se Camilo em matéria de vocábulos populares integrados por sua arte na circulação ordinária e na cultura aproveitou *relativamente* pouco do bravio, embora muito fôsse comparado com a indigência absoluta dêsse sal na arte académica, se Camilo não cavou nessa mina tanto quanto poderia colher da sua insondável riqueza, muito menos, em matéria de construção e articulação da frase, teria afeiçoado com largueza às formas populares o seu dizer, sendo aí de considerar que semelhante apreensão e adopção é de uma dificuldade extrema para quantos por sua condição social se vêem obrigados a falar simultâneamente as diferentes línguas que ligam a rudeza ao polido.

Aquilo, absolutamente excepcional, que com uma fascinante e maravilhosa des-

treza e inspirada arte do Sr. Manuel Ribeiro conseguiu na *Planície heróica*, usando, fielmente, em sua perfeita integridade nativa e sem mácula, a linguagem regional alentejana, ainda mais na sintaxe que nos vocábulos, é puramente admirável, é um fenómeno de intuição estética sagacíssima que enquanto ergue um alto monumento literário à beleza da linguagem do seu chão, entretanto nos convence das dificuldades pouco menos de insuperáveis de semelhantes arrojões, para quem sonhar consumá-los por cálculo em vez de os emprender por mistério de amor. Não os pratica quem quere; são a irradiação de momentos de graça, que aparecem quando e onde Deus os manda, formalmente refractários a obedecer à astúcia e engenho, por mais instruídos e persistentes que estes se mostrem em os suscitar.

Neste ponto, a literatura nacionalista, a não ser que os anjos do céu lhe empres-

tem asas para transpor a barreira, está condenada a naufragar em rochas formidáveis.

Pela minha parte confessarei a minha incapacidade em semelhantes emprêsas, proibitivas para a debilidade das minhas fôrças. Entrando a ouvir gente rude, de prístina e nacionalíssima condição vocal, alheia ainda à insinuação das bastardias do comércio, que são o corruptor assíduo da sua demonstração, a todo o instante me perco. Tão estranho e enredado é o labirinto da elocução que mal me julgo de posse de um fio que me guie, logo o vejo quebrado e me encontro desamparado no tumulto. Essa linguagem nacional virgem que nos recessos menos freqüentados dos nossos montes tenho ouvido, mais semelha um amontoado de palavras a granel que um discurso com ligações visíveis ou obscuramente entrevistas; todo o trabalho de as pôr em ordem lógica para architectar o

quer que seja de determinado e claro, fica a cargo de quem as ouve e lhes cogita o sentido. Na menos atropelada da sua apresentação, constituem uma construção desmembrada incessante e abruptamente mutilada, uma juxtaposição caótica de palavras que um esforço nosso, e rápido, terá de encadear para lhes alcançar a significação — esforço não sem compensações de alto preço, deve notar-se. O retardamento em que essa linguagem se arrasta e nos obriga a delongas de apreensão, importa uma acentuação intensa do discurso, e característica, de superiores e preciosos efeitos estéticos, incomparáveis, embora caros fiquem aos inexperientes de semelhante lida, para os quais representam violências de atenção que os desalentam e naturalmente os induzem a seguir as vias menos árduas do desbotado nacionalismo da linguagem precisa que chamamos clássica.

A tal extremo irão aqui os conflitos e as

incompatibilidades entre a linguagem popular e a linguagem acadêmica que sem escândalo se poderá ter por fundada a crença de que a linguagem verdadeira-mente nacional, ou se possui de nascença e nos veio por instinto, ou por poder de razão e por estudo jámais se alcança; tanto mais que sendo criação do instinto, sabido e claro é que os instintos não se aprendem nem se restauram. Quando vão perdidos ou adulterados pelas vicissitudes da experiência e exercício a que o destino os haja submetido, debalde tentaremos renascê-los. Perante semelhante impossibilidade, a única solução sensata, prática e estética, por igual conveniente à inteligência e à emoção, é desistir corajosamente do que faleceu e não revive e supri-lo pelas criações da lógica e da analogia em tudo quanto fôr da esfera do seu govêrno.

Mas, entretanto, como por uma lei cósmica, tenhamos por inevitável a invasão e

domínio do vocabulário cosmopolita. Porque se recorreu à lógica e a lógica é uma e única em tôdas as latitudes e em tôdas as nações.

VII. Há uma página de Gibbon, na sua *Decadência e queda do império romano*, que, sendo elogio completo e solene do renascimento, todavia lhe aponta com uma concisão e uma clareza de todo o ponto notáveis seus profundos efeitos de corrosão do nacionalismo criado na fermentação tumultuosa da Idade-Média. Por instigação do novo movimento e por instância dos seus profetas, êsse nacionalismo sofreu naquele momento um profundíssimo golpe e, submerso então na atmosfera comum a tôda a Europa latina ou latinizante, a custo flutua e conservou as suas côres em tal ambiente.

Porque é de durar e nunca de esquecer em questão de nacionalismo de qualquer

gênero, convém repetir nesta altura essa bela página do famoso historiador:

«Antes do renascimento da literatura clássica, os bárbaros da Europa achavam-se afundados em ignorância, e nas suas línguas vulgares se assinalava a rudeza e pobreza dos seus modos. Os que estudavam os idiomas mais perfeitos de Roma e da Grécia entravam em um mundo novo de luz e de ciência, na sociedade das nações livres e polidas da antigüidade, e no convívio familiar daqueles homens imortais que falaram a linguagem sublime da eloquência e da razão. Semelhante comércio tenderia a apurar o gosto e a elevar o génio dos modernos; e, entretanto, logo às meiras experiências podia notar-se que o estudo dos antigos tinha trazido mais ferros que asas ao espírito humano. Pôsto-que louvável, o espírito de imitação é de casta servil; e os primeiros discípulos dos gregos e dos romanos eram uma colónia

de estrangeiros no meio da sua época e do seu país. A minuciosa e laboriosa diligência que explorava as antigüidades dos tempos remotos podia ter melhorado ou adornado o estado presente da sociedade, mas o crítico e o metafísico eram escravos de Aristóteles, os poetas e os historiadores e os oradores orgulhavam-se de repetir os pensamentos e as palavras da era augustina, as obras da Natureza observavam-se pelos olhos de Plínio e Teofrasto, e alguns devotos pagãos professavam uma secreta consagração aos deuses de Homero e Platão. Os italianos viam-se oprimidos pela fôrça e pelo número dos seus antigos auxiliares. No século que se seguiu à morte de Petrarca e Bocácio, enxameia a multidão dos imitadores latinos que decentemente descansavam em as nossas estantes; mas nessa era de saber não será fácil distinguir na linguagem popular do país uma descoberta real da ciência, uma obra

de invenção ou de eloquência. Logo, porém, que o chão se achou saturado do orvalho do céu, abundou em vegetação e vida: apuraram-se os idiomas modernos, os clássicos de Atenas e de Roma inspiraram um gosto puro e uma generosa emulação, e na Itália, como depois em França e na Inglaterra, ao reino afável da poesia e do romance sucedeu a luz da filosofia especulativa e experimental. O génio pode antecipar a estação do amadurecimento, mas na educação de um povo, como na educação do indivíduo, há-de exercitar-se a memória, antes que as forças da imaginação e da razão possam expandir-se. Nem o artista pode esperar igualar ou exceder as obras dos seus predecessores, enquanto não tiver aprendido a imitá-las ¹. »

¹ Citado das *Selections from Gibbon's Decline and Fall of the Roman Empire*, organizadas por H. J. Raulinson e W. N. M. Dunlop. (Longmans, Green & Co; Londres, 1925.) Págs. 166-7.

Quando o renascimento importou para a ruína irreparável do nacionalismo, tudo aí está nessas breves linhas de Gibbon e do seu vasto estudo e poder de exame e cristalização: a «rudeza e pobreza» primitivas que o renascimento veio a polir e remediar, adelgaçando-lhes a robustez e minguando-lhes os impulsos; a linguagem da razão que às criações nacionalistas espontâneas trouxe «mais ferros que asas», abatendo-lhes o arrôjo dos seus misteriosos ímpetos subconscientes: o «servilismo e espírito de imitação» que vinham a corromper e a verter em impostura e mentira o vigor e a graça étnica congénita; as «colónias de estrangeiros» cuja invasão corria a dismantelar as edificações formadas do barro virgem do chão de cada povo; e, por fim, medrando de sementes trazidas de fora e afogando na sua seara basta a antiga vegetação silvestre, uma flora nova que por estudada disseminação e arroteamento se

apossou de tôda a terra, dorávante tão «saturada do orvalho do céu» comum, como depauperada e quási exausta das águas salutareas das suas nascentes, e do suor e sangue das veias da sua gente.

Mais que uma hibridação, consumada ficou naquela hora decisiva e nos canteiros murados das nações europeias que a «colónia estrangeira» apropriou, a ablação pouco menos de total das hastes-mãos que no bravio haviam rebentado e crescido, e sôbre as quais passaríamos a ostentar com desvanecimento a flor exótica, de enxêrto, sugando e temperando a seu modo a aspiração nativa, violada e sujeita, da qual sòmente se salvaram e mantiveram sem gôsto primitivo raízes entranhadas nos penhascos dos píncaros dos montes. Por feliz isolamento, onde ainda agora poderemos visitá-las, só essas escaparam ao calcanhar mortífero da invasão que calcou e esmagou as irmãs.

O que o historiador não nos disse, embora muito, e substancial, nos houvesse ensinado, foi o efeito final do « orvalho do céu » que o renascimento derramou por tôda a Europa. Talvez por sua habitual e zelosa propensão a isentar de muito pronunciados laivos críticos o seu monumento, não nos disse até onde foi que o fino decantar do vinho áspero da nova cepa, operado pelo renascimento, lhe sublimou a essência, e até onde lhe dissipou seu sabor e perfume próprio e lhe estragou a qualidade. E porventura não teremos insistido até hoje, tanto quanto era mistér para a genuinidade e saúde da arte nacional, em discriminar se o alambicado de importação, que tomámos por filtro da perfeição divina, e a bôca pequenina que o destila, valem, como alimento da nossa alma e estimulante do amor pátrio e deslumbramento de beleza, o rugido penetrante do bárbaro e a bôca sensual e rasgada que

livremente o soltava. O que o historiador não comentou, e continua a trazer-nos perplexos, foi até que ponto a pobreza e a rudeza se traduziam em virilidade e até que ponto a cultura se tornaria em degeneração e debilidade das energias que criaram a actividade nacional e as suas obras e a sua arte e lhes deram carácter. Não topáramos mais uma vez com «sepulcros caiados», pensando encaminhar-nos a palácios alumiados e quentes onde a vida more?

VIII. O romanismo e quanto em baptismo romano se fundou é essencialmente católico. Onde a sua avidez de expansão e império chegou, amoldou a terra e os homens ao seu ser psicológico e às suas criações terrenas, à sua alma e à sua economia e a tôda a sua expressão concreta.

E a catolicidade é inimiga nata de todo o género de nacionalismo: constitui o mun-

do em unidade, a viver uma só lei, uma só religião, uma só moral, uma só aspiração, e portanto uma só arte, pois que a arte não é mais que a face da beleza da lei, da moral, da religião e da economia, é o reflexo externo, comovente e comunicativo, de todo o princípio anímico dos homens que sujeita a vida ao serviço e tradução dos seus impulsos e os encorpora em formas tangíveis.

Talvez sem maior êrro possa dizer-se que onde começou o humanismo, lei universal e revivescência daquela catolicidade que Roma sonhou, praticou e foi glória do seu génio portentoso, aí entrou de decair o nacionalismo, filho legítimo e dilecto da pulverização separatista mediévica, e autor de línguas singulares admiráveis, fechadas em seus burgos e ali nascidas, só para uso da sua reduzida gente, e mal se ouvindo além das muralhas das fortalezas em que se isolavam do vizinho.

Maravilhosamente coadjuvado para suas aspirações de nivelamento, pelas navegações e descobertas marítimas e pelo activo comércio da Europa com todos os continentes, que essas navegações dilataram, o renascimento foi um baptismo copioso da internacionalização de tôda a humanidade. Em tal latitude o derramou que não será de rejeitar *in limine* a suspeita de que no convívio de Camões estranhas compleições haverá que em vez de com êle avistarem sob a magia do seu canto uma aurora nacional resplendente, sentem nessa hora dramática a melancolia de um crepúsculo magnífico, no qual entram no ocaso os dias mais coloridos da beleza nacional. Evidentemente, ali terminou a língua que os primeiros cronistas do reino usaram e nos legaram e da terra mãe lhes tinha vindo por mistério; ali foi trocada essa língua por uma outra aprendida de lábios estranhos. Pouco e pouco se foram calando os

solistas das nações europeias e a rude frauta com que cada um em seu tom privativo nos seduzia; e logo se ergueram coros de muitas vozes, sem dúvida sonoras, mas comuns a gentes de muita origem. A par, desenhando aos olhos a mesma aspiração de unidade que a voz instilava nos ouvidos, confundindo-nos todos os nossos sentidos em um só e o mesmo alvoroço, sôbre os emblemas nacionais dos reis lavradores e da grei pastora, viu-se a esfera armilar, como a mover-se vertiginosamente e a precipitar-nos na multiplicidade dos seus círculos que incessantemente percorríamos em pensamento e na realidade, em espírito e na forma e em traduções concretas de todo o género, pelas quais afeiçoávamos o nosso gosto e paladar ao gosto e paladar de todo o mundo.

Assim, à medida que, missionários exaltados, alargando a «Fé e o Império», inflamavam em nossos fachos a alma infiel,

com as faúlhas do mesmo fogo incendiávamos os colmos das nossas choças, para não mais as reconstruirmos e rehavermos, tais quais nossos avós as haviam concebido e animado e erguido. Dorávante os nossos lares seriam todos cobertos de telha romana.

Sob pretexto de disciplina da linguagem pela restauração do romanismo, à qual por efeito de hereditariedade nos julgamos votados com as demais nações que a promoveram, sobrepusemos aos alentos ingénuos que até então respirámos, os dogmatismos abstractos e as generalizações rígidas da férula quinhentista, de cuja obediência já-mais podemos isentar-nos em seguida; e, desta forma, estrangulada pelo renascimento a arte nacional, sob a sua opressão renunciou de uma vez para sempre ao desenvolvimento contínuo de intuição nacional e à sinceridade estética, patente nas obras que ela criou antes que a imitação

italiana a desvairasse. Passávamos agora a invocar para nosso mentor e guia uma tradição mais antiga do que a muito próxima que inventára a língua que falávamos, e nesse instante se rasgou a cisão insanável, da qual resulta que hoje, se nos mandam regressar à tradição, ficamos sem saber para onde voltar a face e o zêlo, e hesitamos entre a tradição literária, e também política, dos cronistas, e os códigos maquiavélicos da revolução quinhentista.

Tão diversos se tornaram os caminhos da fidelidade à alma nacional, tantas são as pressões a que a sujeitamos e tantas as mutilações que sofreu, tão extensa e profunda é já a dilaceração dos tecidos maternos, mal cicatrizada pela repetição, quasi periódica, das mordeduras de vária farmácia com que os causticámos, que de todo se tornou impossível definir unidades nacionais, estéticas ou quaisquer outras, lisas, homogêneas, sem mancha e sem quebra.

IX. O facto é, todavia, — e quando tentarmos praticamente a nacionalização da arte, êsse facto será duma importância primordial; — o facto é que êsse nacionalismo, mutilado, vergado, corrigido e humanizado pelo renascimento, se nos ajuntou ao velho corpo tão cingidamente que os letrados o tomaram por parte integrante do nosso ser e nessa qualidade lhe atribuem categoria de basilar. Desde que nasceu, teve a boa sorte de ser apregoadado, aconselhado e decretado como espelho de perfeição e sumo amor pátrio, e ousadamente se revestiu de autoridade pontifical, para acóimar de rudeza e tratar de somenos a pitoresca e florida seara mediéfica. A arte petrarquista que o génio de Sá de Miranda e de Camões transpuseram para o nosso chão, em tão própria estação foi feita que sem tardar prosperou e se disseminou opulentamente.

Tão desafogadamente essa arte se ex-

pandiu entre nós que, a julgar pela boa fortuna do primeiro e soleníssimo acto de humanização do silvestre nacionalismo primitivo, é lícito imaginar que uma mais longa internacionalização da arte nacional, isto é, a repetição do feito que se mostrou feliz e amado, será talvez o meio mais seguro de engrandecer a formosura do nacionalismo, embora paradoxal e contraditório semelhante conceito pareça. Acaso para a arte nacional a sua correcção pela arte alheia será a mais fecunda condição de uma progressiva elevação estética. O local e individual carecerá, para expansão plena do seu poder virtual, de ser disciplinado pela colaboração e tutela do universal e humano. Se para nós o excesso da inoculação do francesismo, mal regrada em dose e qualidade, deu deformidades escandalosas e atrofias deploráveis, não está provado que seus ruins efeitos não houvessem sido derivados principalmente da in-

suficiência de adjuvantes e concomitantes. O maior agravo proveio do exclusivismo insensato. Onde só a emenda convinha, tentámos a cópia com que as aptidões ou inaptidões próprias não podiam, e a breve trecho, por minguia de elasticidade da criação natural oprimida, degenerava esta em aleijão e caricatura.

Se em vez dêsse absurdo, que rematou em fealdade, tivéssemos usado maior variedade de correctivos, adubando a nossa arte com tantos italianismos e iberismos como francesismos, e tantos anglicismos e orientalismos como germanismos, outras seriam as conseqüências da internacionalização, e outro seria o juízo que hoje tínhamos a fazer da conveniência ou dos perigos da insinuação estética em nosso ser das riquezas criadas pelo próximo e do próximo incorporadas na arte nacional. Deus sabe mesmo que acção salutar entre os quinhentistas teria tido, para avigorar

e adextrar a nossa língua, o conhecimento da língua castelhana que lhes foi familiar, a ponto de haver clássicos comuns a Portugal e Castela. Deus sabe de que modulações novas e expressivas essa comunhão nos teria abastado a voz e matizado e colorido o vocabulário, alargando-lhe a escala dos tons que sem a sua interferência tinha de se resignar com a modéstia do património.

Hoje, a influência benéfica da fecundação cruzada das literaturas é em todo o mundo uma actividade constante; o anseio de entrar na intimidade do vizinho e com êle cooperar na cultura da beleza da terra, com êle permutando francamente os nossos bens respectivos, passou já de aspiração hesitante ao domínio das realidades efectivas. Parece que o nacionalismo, para ser belo e perfeito, necessitará de mudar amiüdadamente, naqueles termos em que amiüdadamente muda tudo quanto cresce

e é viçoso; e quanto mais larga fôr a atmosfera que o nacionalismo respirar, quanto mais aberta às brisas de todo o horizonte, mais probabilidades lhe assistirão de eliminar do seu corpo o que nele se encontrar de defeituoso ou mórbido ou caduco, e de absorver o que no mundo se gerar de mais elevado, são e vital.

X. Se, porém, as academias vacilam e tremem do apertado sarçal de dúvidas que lhes estorva a carreira e as desorienta, a ingenuidade é que não padece iguais escrúpulos, e, a seu modo, rudemente, vai efectuando uma tôasca internacionalização de linguagem, que pelo desconcôrto escandaliza os nervos, ainda os menos sensíveis, mas que nem por isso deixa de consumir-se insistentemente.

Entrei na tenda de uma aldeia remota, a comprar pão. Levava comigo o cesto do farnel. O tendeiro viu-o, e sorridente, por

hospitaleira solicitude, disse-me: — « Agora é que já tem pronto o seu lanche ».

As urzes que ao redor, na charneca, o ouviram, còrariam talvez sentindo a voz desnaturada que as surpreendia. Mas tenhamos por seguro que seja qual fôr a significação daquela voz para a harmonia ou desarmonia do ambiente, blasfémia ou louvor, está destinada a repetir-se e propagar-se. Se amanhã ali voltarmos, de novo a ouviremos, e muito provàvelmente acrescentada de outras igualmente novas no sítio e de igual natureza e carácter de desrespeito da genuinidade nativa. E tôdas ficam e se domicíliam no bravio.

XI. ¿Acontecerá que a língua ingénua, criação natural e própria de cada nação, começa a ser coisa do passado que só em termos de lembrança, capricho ou diletantismo o letrado use para seu regalo e das igrejas e capelas em que officie? ¿Tenderá

a língua moderna a tornar-se uma simples mecânica, um desadornado e rígido e seguro comutador de impressões, desejos, sentimentos, ideias e mandados, mero instrumento de entendimentos entre os homens, insensível aos modos de se amarem e a tôda a estese, qualquer coisa como uma fita cinematográfica, muda na essência, embora surdamente se lhe oiça o rumor da máquina que a move? ;Acaso a criação das nações da Europa e das línguas que as distinguiram, e lhes deram carácter, e lhes traduziram em sua melodia própria a sua alma, a sua poesia e o seu arrebatamento religioso, acaso êsse fenómeno, que resultou da decomposição do império romano, penetrada pela invasão de bárbaros de muitas raças, está destinado a caducar suavemente e não mais se repetir, por impossibilidade de lhe renovarmos um ambiente adequado?

Desde que, como presenciámos, os filhos

dessas nações se misturam, dispersos em todo o mundo, e se vão apossando da terra, formando comunidades de língua inglesa ou portuguesa ou francesa ou qualquer outra que as conveniências aconselhem e os governos decretem, mas jãmais inventando línguas novas e só por interêsse económico, que não por aspiração estética, se organizando e mantendo unidas e fortes, ¿será sensato contar com nações que, de todo destituídas de princípio estético criador, possam significar mais que sociedades mercantis de ancha animalidade, às quais bastem para se mover em boa ordem os formulários do esperanto comercial? ¿Temos de ver que essas sociedades novas, tiradas das bastardias das nações antigas, para se reproduzir se contentam com crianças acalentadas sem nunca conhecerem o rosto dos pais, *cientificamente* agasalhadas com uma espécie de chocadeira mecânica, da qual sairão para ser lançadas em uma

atmosfera de ideias e sentimentos que, havendo dado a volta ao globo, em todo o hemisfério se acharam bem e representaram a negação radical da nacionalidade e o triunfo definitivo do universalismo?

Tais quais as casas que de criação natural governada pela intuição passaram a ser objecto da fantasia e produto da razão e da lógica, as nações entraram a formar-se por fôrça da invenção meditada e dos desejos de comodidade que a estimulam. Educadas no patriotismo convencional, tão estranho e não raro adverso ao patriotismo do coração, as nações modernas aglutinam os povos em moldes comuns a tôda a raça e a todo o corpo, e prescindiram da assistência e inspiração de princípios vitais iminentes singulares que a cada qual dêem feição privativa e necessidades próprias — e, portanto, uma arte própria.

XII. Se em meio dêste ruir de frontei-

ras ficou às línguas modernas alguma arte que elas desejem cultivar e se esmerem por pulir, será apenas a da sua lenta e tenaz romanização em tôda a Europa, senão em todo o mundo. Talvez que a admirável ordem, concisão e clareza que Roma forjou e até hoje nunca foi excedida em qualidades que lhe sobrelevem para a realização prática dos seus propósitos, talvez que essa edificação maravilhosa do génio romano, transpondo em lógica, ponderação e firmeza o que de nascença, nas primeiras épocas da sua emergência, constituiu uma vegetação espêssa, ondeante e obscura, talvez que essa arte dispute agora com probabilidades de boa fortuna a vitória final e venha a tornar-se o modelo e a afeição das línguas de todo o mundo culto, tão propenso ao desrespeito dos nacionalismos efémeros, de vida breve, debalde lutando para salvar-se submersos na onda dos universalismos invencíveis.

XIII. Até que ponto pesaram mortalmente na arte nacional e lhe perverteram a candura as nossas navegações e conquistas?

Onde dois povos se encontraram, amalgamaram-se duas civilizações. Um princípio domina as relações de tôdas as amizades como de todos os combates das nações — a tendência mútua à paridade. A fatalidade da conquista recíproca será um facto comum, omnipotente e activo em tôda a situação na qual dois povos se aproximem e defrontem, em conflito ou em paz; há um labor de osmose étnica constante, não só em tôdas as relações dos homens entre si mas até mesmo nas relações do ambiente respectivo em que se movam. Há também a hibridação do ambiente provocada pela hibridação do carácter físico e moral dos homens, como se esta se imprimisse na paisagem. A natureza dos bens apreendidos sempre modifica, quando absoluta-

mente não determina o carácter do possuidor e o das obras do seu génio.

Para os portugueses, a desnacionalização começou no dia em que embarcaram a fundar Algarves além-mar. Logo as conquistas em o norte da África significaram de pronto uma inoculação profunda de islamismo na arte nacional, como em seguida às conquistas do Oriente nos achamos afogados em orientalismos de todo o género, e como antes disso e com outros a conquista da Península pelo árabe não teria deixado de lhe insinuar nas veias novos laivos de romanização, adubando e multiplicando os que já trouxesse sorvidos por Alexandria e outras praias do Mediterrâneo levantino.

No momento em que dobramos o Cabo da Boa Esperança, inconscientemente renunciámos com tédio ao património austero que nos criara, e começámos a envergonhar-nos da pobreza e da modéstia de

outros tempos, maldizendo-as como se fôsem castigo de Deus e provações severas do seu desamor.

¡Ai do burel e da serena e repousada graça que o fiava nos montes e o tecia sob os colmos! ¡Ai da broa e da escudela e da coragem afanosa que a amassava!... novas cobiças, novos regalos, novas ambições, e uma moral nova, castiçada de vária côr, fundavam uma arte nova e diziam uma nova linguagem, entretanto exilando dos nossos anseios a alma antiga e, porque por uma outra alma essa proscreviam, por fôrça de nova expressão emmudecendo a expressão antiga. Choviam os deleites da sensualidade estranha, e tôda a apolínea virilidade do carácter antigo desfalecia nessa inundação. «As especiarias tão faladas, a pimenta, o cravo, a canela, a massa, e a noz moscada, o gengibre e o cardamomo, o ouro de Sofala, os rubis do Pegu, os diamantes de Narsinga, as safi-

ras de Ceilão, as esmeraldas da Babilónia, as pérolas e aljófares de Manaar, as sêdas e alcatifas da Pérsia, os tecidos finíssimos de Bengala, as porcelanas da China e do Japão, o marfim de Moçambique, o benjoim de Sumatra, o âmbar das ilhas malaia, os perfumes e as frutas ¹» — que alvorço ingente de tôda a arte não vinha nesse comércio!

XIV. A pressão económica e designadamente a pressão industrial moderna aborrece e persegue as feições nacionalistas privadas, e nem sequer em os indivíduos de uma mesma nação as favorece, por liberdades e regalias que lhes faculte.

Os mercados são tiranos desapiadados da arte. Impõem-lhe uma generalidade, e de ordinário uma vulgaridade absorvente.

¹ D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Poesias de Sá de Miranda*, pág. v. Halle, 1885.

Prevalecendo-se de razões de comodidade e barateza económica, apossam-se de toda a nossa vida para a encerrar em um comunismo insaciável. De simples e moderadamente internacional que a vida foi algum dia, vai a tornar-se não só afervoradamente internacional mas declaradamente interdomiciliária. Arrasa os lares, depois de ter aniquilado as nações. Nem a casa nos deixa nossa, só nossa.

É comum a luz, a água e o fogo e os instrumentos com que se produzem; comum o veículo, a biblioteca, o jardim e a jornada; não se dá um passo que não tropeçemos nos fios e peias e tubos que subordinam a forças comuns a vida de cada um e a encorporam em seres universais, no pensamento como nas coisas. O anseio de uniformidade industrial e as suas operações são colossais. A América do Norte, para economia do fabrico e respectiva baixa de preços que a ajude a avassalar os mer-

cados, não cessa de promover e executar unificações que orçam por feitos lendários, heróicas. Por exemplo: em poucos meses reduziu de 210 a 20 os tipos de garrafas, de 700 a 250 os lápis, de 1500 a 300 os canivetes; os pneumáticos passam de 287 a 32.

Operações de igual natureza ameaçam reduzir o mundo inteiro e os que o habitam a meia dúzia de fórmulas e de formas, quer se trate de cerzir uma japona, quer se cuide de lapidar ou arredondar uma frase. Matemático e mecânico, o mundo actual é a negação completa da liberdade estética e da individualidade, nas ruínas da qual ficará sepultado o nacionalismo. Hoje são garrafas, lápis e canivetes que se fundem em poucos modelos, únicos e comuns, internacionalizados; amanhã serão os sentimentos e as ideias e as literaturas que como as louças e as roupas se precipitam na mesma vertigem de igualdade; por fim, sem fronteiras que as contenham,

serão as línguas que, de polo a polo, se transformarão em um só e execrável clamor babilónico.

XV. Já não têm conta as hibridações que nos andam no sangue e nos matizam a história. Petrarquizámos em cheio com Camões e o seu luzido séquito; traduzimos Luís XIV em D. João V, e a Revolução Francesa na Carta Constitucional; penteámos e despenteámos a cabeleira romântica nos cabeleiros franceses, e magistralmente, com uma destreza e fecundidade que honram sobremaneira o génio português, refundimos as *Ordenações do Reino* nos cadinhos ainda quentes do Código de Napoleão, erguendo em terra pátria e para seu engrandecimento um monumento, em tudo digno do espelho estranho por que o traçámos ¹.

¹ Convém notar que o Código Civil tem sua signifi-

De facto, não houve época em a nossa história que não desse testemunho capaz da agilidade dos nossos talentos, a par da que distinguia nessa mesma hora as nações mais cultas, e seguindo-lhe os movimentos, nacionalizando e desnacionalizando livremente a nossa arte, conforme mais convinha para seu ininterrompido esplendor, abundando-a das eliminações e apropriações e emendas que as aspirações e a experiência do momento nos indicavam e facultavam para nosso proveito.

Assim foi connosco e antes de nós, assim foi com tôdas as grandes civilizações históricas. Até onde a história alcança des-

cação, e não pequena, na arte de cada nação. A cada sistema de relações jurídicas e morais entre os homens corresponderá necessariamente sua arte própria. O regime da propriedade, sobretudo, importando tão diversas afeições e paixões, e tão diversa disposição de espírito, contém em si diversíssimas artes. Que o diga a inspiração de Ruskin, onde o seu génio referiu tôda a arte à economia.

trinçar-lhes as fôrças e as fontes, tôdas as civilizações, sem excepção, foram o produto de hibridações, e tanto criaram do seu como colheram do alheio. As que se fecharam, atrofiaram-se e decaíram. « A política acanhada que guardava isento de qualquer mistura o sangue puro da sua antiga gente, contrariou a fortuna e apressou a ruína de Atenas e de Esparta. O génio romano, veemente de aspirações, sacrificou a vaidade à ambição e julgou mais prudente, e também mais honroso, adoptar como própria a virtude e o mérito onde quer que se encontrassem, entre escravos ou entre estranhos, e entre inimigos ou entre bárbaros. A civilização romana, da qual nos orgulhamos de descender em linha recta, letra inicial indelével dos nossos pergaminhos, é, por fortuna, filha da mais feliz hibridação que a memória dos homens conhece. Apesar-de tôda a sua robustez nativa, muito bárbara teria ficado se a Grécia, pelos alen-

tos de graça com que a bafejou, não lhe moderasse a dureza primitiva e não lhe houvesse abrandado até certa rigidez desumana que se envolvia nos extremos de dignidade¹. »

XVI. Assistirá talvez o nosso tempo ao mais surpreendente fenómeno de hibridação de nacionalismo que jámais se viu. Seremos nós a testemunha consciente e avisada da desnacionalização final da mais estupenda tenacidade nacionalista que as civilizações do Mediterrâneo conheceram. Pelos impulsos de um labor étnico irreprimível, superior a todo o govêrno da nossa vontade, irá adiantada em nossos dias a transfusão mútua do semitismo e do romanismo.

Aqui se encontram ministros de Estado israelistas eleitos pelos nórdicos mais pu-

¹ Gibbon, *loc. cit.*, pág. 6.

ros, que nem por essa divergência de qualidade se mostram descontentes do governo do génio étnico estranho, e antes o aplaudem e louvam e exaltam; além termos judeus aferrados à leiva, judeus morgados e lavradores como o romano catoniano; adiante topamos com uma liberdade de casamento desenfreada, na qual a fidalguia católica mais orgulhosa não pergunta à noiva em que igreja foi baptizada, e só do dote averigua. E a par, nas letras e nas artes como na vida económica, a confusão é extrema, a do espirito e a das aptidões, tal qual a do sangue. Entretanto, a história nos assegura que sempre foi assim há longos séculos, pôsto-que em diverso grau e com vária sorte; apesar-de tôdas as explosões de ódios, rixas, rivalidades e disputas entre romanos e israelitas, sempre se renovaram e persistiram entre as duas raças insinuações aturadas de tolerância, cooperação, compreensão recípro-

ca, e até mesmo francas amizades e simpatias calorosas.

Pouco a pouco, mas ininterrompidamente, o exclusivismo originário de Israel tornou-se permeável às influências do ambiente em que a dispersão o colocou, e enquanto os internacionalismos políticos, económicos, capitalistas e proletários, tanto do paladar do sectarismo judaico, ligavam o mundo em uma só nação, êsses mesmos internacionalismos, descuidadamente e por pressão lógica, efectuavam uma transfusão recíproca de aspirações entre o latino e o semita. Então, as antinomias de outras eras cessavam por efeito do fervor de colaboração; a ideia de catolicidade crava-se cada vez mais funda, e restringindo ou absorvendo as paixões da singularidade ancestral, abria à luz do sol e ao domínio de um só e vasto espírito os campos fechados, murados e fortificados de desconfianças e conflitos, em que as raças viviam

e reproduziam, reclusas, as suas reservas e incompatibilidades.

Sempre pela mesma via, que no início é o comércio e a conquista das riquezas, acto de simples rapina e avidez de bens e gozos, logo acrescentado e inflamado pelas turbações e traições da atracção sexual, importando esta frémios de amor nos quais se esquecem e bastas vezes terminam os ímpetos da avareza e malquerença entre as gerações e as tribus de diferente côr e carácter; — sempre pela influência destas velhas forças incorruptíveis se difunde e unifica gradualmente a cultura dos povos de tôdas as latitudes e de todos os continentes. Cada qual trará então ao património progressivamente comum, a inspiração do seu génio e os frutos do seu torrão, dêste modo preparando a unificação do sangue. Hoje são os netos do semita e do romano que se casam na mesma igreja e aí se beijam e quebram

os espinhos mais agudos das velhas repulções; já o branco e o negro se mesclaram, levianamente, sem constrangimento; e amanhã será o Extremo Oriente e a Europa e os seus filhos da América que, identificados na mesma cultura económica e mental, virão a consumir a consubstanciação final das suas diversas propensões originárias, encorporadas na criação de uma só família, de carácter mestiço, tão complexa e multiface que tôda a insistência dos traços privativos dos avós de qualquer das origens que a formaram, cederá à multidão de feições intermediárias, conjugadas ou sobrepostas em combinações infinitas.

Quem primeiro pronunciou a palavra «eurasiático» foi, sem dúvida, um privilegiado vidente. Sentiu a futura condição étnica e a conciliação dos dois grandes continentes onde nasceram e moram as mais nobres civilizações históricas do mundo, e deu-lhe logo o seu nome — em-

bora essa conciliação careça ainda de alguns séculos para se tornar em uma realidade orgânica subconsciente.

Factos são estes, e muito particularmente a demonstração da vulnerabilidade do semitismo, que nos levam a crer que a contínua refundição étnica dos povos por efeito de bastardias sucessivas é um fenómeno de todos os dias e de tôdas as horas, — comum aliás a tôda a vida orgânica que algum acaso, raro, não isole em estreito ambiente menos acessível. A peregrinação e a emigração, mais ou menos latas e assíduas, serão a regra universal da vida, assim se prolongando e renascendo e prosperando interminavelmente por fecundações cruzadas.

XVII. Os francesismos em que dilatadamente temos abundado, e por isso são logo chamados à colação, onde se tratou de depuração nacionalista, êsses mesmos

serão susceptíveis de muito vária interpretação e sentença.

Por francesismo deixámos obliterar e corromper em vicioso abandono os mais finos primores do património, espontaneamente criados em nossas terras. Mas ninguém poderá dizer ao certo o que seria do remanescente intacto dêsse património, que com desvanecimento continuámos a usufruir, se não o houvessemos cultivado e temperado segundo receitas francesas.

O nosso século xvii, como todo o século xviii e a maior parte do século xix, andou sempre com os olhos postos em França, freqüentemente se deixou resvalar em cópias e imitações francesas, e por virtude dessa obsessão muito teria perdido e estragado do herdado. Todavia, não será fácil conjecturar em que rusticidade nos teríamos arrastado se não lhe acudissemos com os estímulos de importação francesa e a sua educação, fazendo como os

demais que nos davam exemplo. Nesse longo período, a Europa inteira, do Neva ao Tejo, em pensamento e em ansiedade de se engrandecer, andou matriculada nas escolas de Paris. Todo o mundo das velhas civilizações do nosso continente calçava, vestia e dizia então pelo figurino versalhês, e pelo figurino versalhês se movia e queria e pensava e amava e odiava e cantava e combatia e praguejava.

Nem mesmo será demasiada impertinência ou estultícia perguntar o que seria do nacionalismo acrisolado e autêntico de Herculano ou de Garret, se ao mesmo tempo em que entranhado sentiam o seu nacionalismo, não tivessem disciplinado o espírito, para melhor servir a Pátria, no convívio aturado e profundo dos bons mestres e das escolas e dos profetas que se criaram e floresceram além dos Pireneus. Sabido é que foi a lembrança de fazer para Portugal o que Thierry fez para

a França com o seu *Terceiro Estado*, que nos deu a *História de Portugal* de Herculano, e ainda, recentemente, Ramalho Ortigão, clamando pelo *Culto da Arte em Portugal*, tão chãmente invocou em seu auxílio a autoridade de Ruskin e dos companheiros dêste famoso génio, tão perfeito conhecimento das suas lições e conselhos mostrou que depressa nos insinua a persuasão de que foi pelo exemplo estranho, e estudando-o e compreendendo-o e aproveitando-o, que Ramalho quis dar e realmente deu à nossa arte uma nova escala de valores, patentemente pautada pela que os mestres consagrados de outras nações haviam estabelecido.

XVIII. Facto notável nos anais do nacionalismo — parece que a desconfiança das relações estreitas com estranhos é relativamente moderna. Não seria assim na infância da nação.

Clamámos indignados contra a escravidão de três séculos de francesismos que em cegas traições à Pátria nos teriam desnaturado e aviltado a nossa alma e a nossa arte; e entretanto achámos a coisa mais singela e coerente dêste mundo que com os quinhentistas nos rendessemos, não só sem condições, mas com entusiasmo, ao *doce estilo novo* que os homens de letras mais diligentes e hábeis daquele tempo e mais bem inspirados foram buscar à Itália, passando sem rebuço a segundo grau D. Denis, Fernão Lopes e tóda a farta breinha silvestre, tão garrida, dos que estampam memória dos feitos e falas do nosso *poboo*.

Sá de Miranda, no seu sublimado e enternecido nacionalismo, tão profundo e cristalino, na sua própria profundidade ergueu as asas e desprendeuse afoitamente do chão materno; não se contentando com vôos rasteiros em volta do campanário,

largou para longe, a beber nas fontes distantes águas alheias, de grande nomeada e como as mais salutareas e redentoras apregoadas pela fama. Com grande mágoa vendo « correr pardaus por Cabeceiras de Basto », acusava a Viriato « o estrago que cá ia dos seus costumes », divinamente nos lembrava e aconselhava as « nossas truitas » e as « nossas fruitas », e nem por isso desviava o rosto da fascinação dos arrebatamentos alheios ou temia tornar-se o portador consagrado de uma arte nova, com aspirações a cosmopolita — a qual arte importava nem mais nem menos que a mudança da nossa antiga voz, dorávante obrigada a modular-se em tons e compassos de peregrina languidez e universal agrado e eleição, para sempre renunciando à escabrosa e arrastada modulação antiga, de exclusiva criação dos nossos montes e dos nossos burgos.

Talvez mesmo que hoje, bem conside-

rada a fidelidade camoniana que jurámos, a persistência e a ansiedade com que durante quatro séculos calorosa e ininterrompidamente imprimimos, lêmos, louvámos e imitámos Camões, enquanto Gil Vicente — um moderno, um autor dos nossos dias, que parece que só agora nasceu e foi gente — enquanto Gil Vicente jazia apartado na obscuridade do pó plebeu que o cobria, talvez mesmo que hoje, perante semelhante preterição, a mordacidade da ironia mais ácida pudesse classificar de francesismo, *avant la lettre*, uma tão consumada predominância da insinuação estrangeira.

Porque, para nós, o renascimento não foi outra coisa na sua fundação e início senão uma mortificação e dilaceração tremenda da genuinidade nacional, cujos ecos pouco menos de emmudecidos mal se sentiam a murmurar na arraia miúda, no entranhado tradicionalismo da qual puderam felizmente esperar até que a pléiade

brilhante de eruditos e poetas para nosso encanto e regeneração lá os aprendeu e os soltou, esplêndidos, em todo o nosso horizonte.

Pléiade brilhante, note-se, pois a coincidência é de notar e cogitar, à frente da qual vamos encontrar, a transmitir-nos o encanto da ingenuidade vicentina e a ensinar-nos primores do nosso nacionalismo estético, dois nomes estrangeiros, D. Carolina Michaëlis, e Braancamp. E entretanto é o Sr. Aubrey Bell, um inglês, quem nos dá o mais claro e brilhante estudo de Fernão Lopes que a actualidade conhece.

Dir-se-ia que a arte nacional, para ostentar tôda a sua formosurá, carece desta transplantação étnica mental; só estranhos serão capazes de a compreender a preceito, de a expor naquela luminosidade resplendente que é condição da sua revelação perfeita. Provavelmente porque a própria estranheza e heterogeneidade de tempera-

mento estimularão uma agudeza de sensibilidade e entendimento que à inércia da homogeneidade e da identidade naturalmente falece, por virtude de obscuros efeitos sedativos da consubstanciação originária da obra de arte e do seu criador.

Ou porventura a robustez e fortaleza do nacionalismo e a sua tradução concreta estarão dependentes de certo sistema de confrontos, exigirão referência aos nacionalismos irmãos e a sua familiaridade e cooperação e afecto, nesta intimidade todos e cada um por sua vez tanto dando do seu como recebendo do alheio, e assim prosperando e crescendo.

XIX. É manifesto que ao cabo de jornadas eriçadas de obstáculos e de contínuo à beira de precipícios ameaçadores, há um nacionalismo que sempre se salva de tôda a opressão e de tôda a coma desperta, surgindo-nos sadio e viçoso, como

invulnerável, quando o julgávamos prostrado, nos transes da agonia derradeira.

Sem muito claramente distinguirmos a razão última dêste fenómeno de vitalidade, parece lícito supor-se que são os estrangeirismos que, quando mudados da terra mãe, tendem a afeiçoar-se ao nacionalismo da terra que habitam como hóspedes, e não é o nacionalismo que se perverte pela admissão e convívio de influências e formas e actividades estrangeiras. Por mais mortíferos que êsses dissolventes se afigurem e por mais abundantes que se derramem, as repulsões instintivas poderão mais para defender o nacionalismo que as simpatias com estranhos e a sua acção, e ao fim sente-se indelével certo perfume do dote privativo do nacionalismo espontâneo que resiste e sobreleva a quanto do alheio e estudado absorveu. Será o nacionalismo como uma arca de sandâlo onde do alforge enriquecido em penosas divagações por

longes terras despejámos os bens que por lá arrecadámos e, quando vamos a usá-los, logo rescendem a emanações acen tuadas do vaso antigo em que os recolhe mos; entranharam-se-lhes, independentemente do nosso propósito e esforço, só por virtude do temperamento hereditário de quem os moveu e agitou.

Além do nacionalismo de arte intencional e reflectida, feita por medida e desenho prévio, variável e susceptível de variar conforme a nossa invenção e capricho, além do nacionalismo que é uma composição, há um outro nacionalismo que é uma criação, e êste é incorruptível; há um nacionalismo que sendo o mais subtil é o mais persistente, uma atmosfera, um alento, vago e penetrante, envolvendo tôda a forma que dentro dêle nasceu ou de fora e por qualquer modo nêle entrou e lhe respirou o bafejo.

Há o nacionalismo das côrtes, das esco-

DIFICULDADES DO NACIONALISMO

las e das academias, um facto da convenção, que bastas vezes importou e importa a deturpação da arte nacional, intrometendo-lhe violentamente os acidentes da arte individual que os acasos do gôsto e o domínio das agremiações e dos governos frequentemente tornam em lei e dogma; — êsse nacionalismo, porém, por mais florido e pomposo que se pavoneie, por isso mesmo que é filtrado e urdido à fôrça de razão, não é vernáculo, *vernaculus*, de *verna*, o escravo criado em casa. E há o nacionalismo vernáculo, um facto de gestação misteriosa, subconsciente, que se antepõe ao nacionalismo escolástico e o precedeu, — nacionalismo de criação espontânea, que espontâneamente nasce, vive e se move, labor étnico inevitável como a côr dos nossos olhos e o matiz dos cabelos e a tez da face.

Ora, com êste nacionalismo vernáculo temos que contar na apreciação da arte

nacional, como com o seu filho bastardo, o nacionalismo escolástico, temos contado, sem dúvida excessivamente. E êste nacionalismo vernáculo subsiste e vigora perpétuamente, sem possibilidade de anulação. Na arte e na literatura, e em todos os modos da existência do nosso ser, êsse nacionalismo adapta-se a quantas condições a fatalidade o condena, ainda às mais abstrusas, e com elas se modifica, por sua livre iniciativa, sem pedir vénia a conselhos e laboriosas aspirações premeditadas e reflectidas, tôdas as quais serão pequeninas e passageiras perante a impetuosidade e a magnitude da fôrça e soberania das intuições orgânicas, constitucionais e inalienáveis.

XX. O bem-aventurado Pacómio edificou no seu mosteiro uma capelinha, telhada e com colunas que êle lhe mandou fazer, e mobilada de coisas belas; e ficou

muito contente com a sua obra porque a tinha construído bem. Mas quando veio a ser senhor do seu espírito, inquietado por Satanás, declarou que a beleza da capelinha era coisa que obrigava os homens a admirá-la e que, por conseguinte, teríamos de louvar aquele edifício. Então, e de súbito, agarrou numas cordas e ligou-as em volta das colunas, e mandou aos irmãos que o ajudassem e curvassem o corpo esforçadamente, e as colunas e todo o edifício ruíram por terra. E disse aos irmãos: — «Acautelai-vos, para que não adorneis demasiado a obra das nossas mãos, e tomai o maior cuidado possível para que a graça de Deus e os seus dons possam residir na obra de cada um de vós, de modo que o espírito não vá topar com louvores de astuciosa perversidade, e o caluniador não alcance a sua presa ¹.»

¹ Ian C. Hannah, *Christian Monasticism*, págs. 223-4. (George Allen & Unwin, Londres.)

Nas vicissitudes de vária sorte por que o nacionalismo da arte portuguesa tem passado, qualquer coisa o aproxima da sorte da capela de S. Pacómio. Também aqui, de uma religião se fez um templo, e, logo trocando o fervor da religião pelo orgulho da invenção da beleza do templo, divinizámos o templo e ao mesmo tempo e intimamente nos destituímos da religião. Havendo forjado um nacionalismo *plus beau que nature*, no qual não contentes com a sua graça natural e supondo-a bárbara a constrangemos e a acomodámos a preconceitos nossos e a adornámos de enfeites, trazidos de muitas terras, umas próximas, outras remotas, passámos a extasiar-nos na admiração das colunas que a nossa imaginação fabricou, em vez de nos absorvermos na luz interior da religião e lhe respirarmos o espírito.

E colunas foram aqueles escritores de fama e autoridade, sacerdotes mitrados,

que em lugar de usarem ingenuamente a linguagem que Deus e a nossa terra lhes havia dado, a afeiçoaram a seus modos de ser singulares e aos seus affectos e appetites e paixões, não raro a adubando com a salsa alheia, colhida a capricho; e depois de haverem fabricado assim uma linguagem nova, eis que no-la mandaram, recomendaram e ordenaram como a única religião verdadeira, — o que nós em boa fé e cândidamente acreditámos e guardámos. Foi então que, comungando do elixir que hábilmente nos era ministrado, muito seguros da própria virtude, entrámos a imaginar que servíamos a Deus emquanto apenas nos desvanecíamos nas grinaldas da capela entretecidas por nossas mãos.

De forma que, para em nosso ser estético prático restituir à religião o lugar que a capela lhe usurpou, será, sem dúvida, necessário demolir muita coluna resplendente e destelhar o recato dos altares, para que

a luz do sol lhes ilumine e descobre e queime os adornos copiosos e superabundantes que os revestem, e lhes ocultam e atraíçõam as formas singelas da estrutura primitiva. Em tôda a latitude da arte nacional, para que a arte nacional se mantenha, se tem tornado oportuno o zêlo inspirado de S. Pacómio. Tanto mais urgente se tornou em nosso tempo êsse arrôjo quanto é certo que as capelas, quer pela antigüidade que as abastou de enfeites, quer pela multiplicidade das construções ancilares de diversas linhas que lhes obliteraram o carácter, estão de tal modo pejadas de colunas e galas e atavios que na sua espessura e tumulto se sepultou e apagou a chama que primitivamente as alumiaava e aquecia, e de todo se lhes esmoreceu aquele calor e vida incomparável da candura religiosa que as sonhou e ergueu.

XXI. A subtileza crítica de Middleton

Murry pretende que «conhecer uma obra de literatura é conhecer a alma do homem que a criou, e que a criou para que a sua alma seja conhecida. O conhecimento de uma obra de literatura (nós diremos, para o nosso caso, uma obra de arte) que isto não alcance, pode ser um conhecimento profundo, sugestivo, capaz de perturbar e confundir, mas não é o conhecimento real. O que nos move a alma, é a alma do escritor (do artista, diremos nós). Esta é a verdade que temos de reconhecer. Quando a tivermos reconhecido, iremos a aproximar-nos de uma tal ou qual compreensão do mistério pelo qual as palavras do poeta são a sua alma, e quanto maior é o poeta, mais completamente as palavras são a sua alma».

Isto, porém, que em literatura é de primeira evidência, será mais ou menos veladamente comum a tãda a arte.

Conhecer uma obra de arte é conhecer

a alma que a criou, e que a criou para que ela se comunique à nossa alma; e, como nas palavras, assim também nas linhas, no canto, na côr e em tôda a forma está a alma do poeta, e quanto maior é o poeta, mais completamente êsses modos de expressão são a sua alma.

Em matéria de nacionalismo, o poeta é uma alma colectiva, e as palavras dêsse poeta, pelas quais havemos de nos aproximar da sua alma e a sentir e amar e partilhar, são um mundo infinito de coisas tangíveis e seus movimentos, tão vasto quanto é vasta e complexa a alma que êle interpreta, de tal modo vasto que não haverá ser individual de capacidade bastante para o conter e de fôrça suficiente para o ordenar, regrar e mudar em instrumento eficaz da contemplação e edificação da alma à qual queira transmitir a sua alma.

E daqui largas conseqüências, quando se tente interpretar o nacionalismo pela

obra de arte, e na obra de arte o incorporar e disseminar.

XXII. Sendo o nacionalismo o reflexo da alma colectiva, não cabe nos limites da arte individual. Excede-a. O artista e a sua poesia e arte deixaram agora de ser o acidente esporádico das gerações, e são o génio imanente das comunidades; são uma só alma mas encarnando e multiplicando-se em inumeráveis corpos, em todos sendo a mesma, sem embargo da variedade extrema dêsses corpos a que desceu.

Assim, a arte nacional na sua plenitude não é nem pode ser a voz de um homem, é o câro de uma multidão, como uma vibração cósmica, etérea, infinita, perpétua; é a voz e a palpitação da grei na sua integridade, intangível, sob pena de a minguarmos ou deturpamos até à sua corrupção absoluta, por sublimados que sejam os talentos e o amor de quem para a engran-

decer, e não raro para se engrandecer, pensando servi-la afinal a molesta. A arte nacional não é como um pedaço de mármore em esquadria cinzelada por nossas mãos, ou marco miliário pôsto no caminho, para nossa admiração, por vontade e engenho de quem quer que seja; é a montanha na rudeza virgem dos penhascos e na agudeza das suas arestas e agulhas. A arte nacional não é o roble esquartejado a machado ou burilado; é a floresta espessa na sua desgrenhada e opulenta cerção. É o rio no seu caudal; não é qualquer fio de água destilado da bôca de uma fonte, de cristal ou de prata que ela seja. A tal ponto que neste conceito não será heresia pôr o dólmen a par do Partenão.

Para a pureza de tal nacionalismo na arte, o artista nunca é o intérprete, cuja acção muito provavelmente significaria a opressão ou a desfiguração da realidade divina a cujo contacto pretende levar-nos.

DIFICULDADES DO NACIONALISMO

Porque a côr própria do artista se derramaria sôbre a imagem dessa divindade como a natureza a criou, e lhe mancharia ou empanaria seu brilho originário. Para esta arte, o artista tem de ser apenas, e muito estreitamente, um mediano, cauteloso, escrupuloso na reserva em que se esconde, deixando-nos sòzinhos, face a face com as criações anónimas. O seu trabalho capital, a missão do artista na arte nacional será consumir a mais clara revelação da beleza que encontrou criada e êle sentiu, zelando ao mesmo tempo a mais completa eliminação da sua individualidade nessa transposição das criações espontâneas para situação acessível à composição dos nossos sentidos. É essencialmente um trabalho de selecção. Escolhe a casa, e o traço, e os móveis, e a linguagem, e o poema, e o canto, e a oração, e a paisagem, e os affectos, e as lendas, e as divindades, e o culto, e a liturgia, e o templo e

tudo o mais, que muito é e inumerável, em que a alma comum subconscientemente vazou em realidades tangíveis a aspiração. Verdadeiramente, não cria; apenas distingue, aparta e nos comunica aquilo que a Natureza criou em seu mistério, e as forças singulares, ainda as mais poderosas, são incapazes de conceber e atingir. E assim é que entre os monumentos mais elevados que o nosso tempo erigiu à arte nacional, ficarão memoráveis e de duração senão perpétua influência as *Mil Trovas* que o Sr. Alberto de Oliveira e o Sr. Agostinho de Campos coligiram com tão piedosa e esclarecida devoção como feliz êxito, brilhante e fecundo.

Pois êsses procuraram e acharam a arte nacional no único lugar e no único génio em que ela subsiste impoluta e é grande, — no anonimato.

XXIII. Em religião nacionalista, o

DIFICULDADES DO NACIONALISMO

maior artista será aquele que mais dòcilmente se humilhou para emmudecer consciante e deliberadamente a sua voz; será quem mais firmemente resiste à tentação de se mostrar e afirmar, para de todo se confundir em uma consubstanciação perfeita com a expressão e a beleza comum, e esquecido do próprio e débil alento confessar o seu sonho, entoando sòmente os cânticos que a inspiração anónima lhe murmurou.

Neste ponto, e por exemplo, que Deus propague, apontaremos as restaurações do *Amadis* e mais romances antigos que o Sr. Afonso Lopes Vieira brilhantemente reconstituíu, os quais, embora anónimos não sejam, se disseminaram em termos de tão absoluta simpatia com a grei que lhos tornou como congénitos. Emquanto revelam a soberba destreza do poeta que os ressurgiu e o honram com o desprendimento da glória própria para glorificar o estro alheio

e comum, êsses poemas serão, tais quais agora os achamos renovados, uma das mais belas lições modernas daquilo a que uma intuição profunda do significado mental do nacionalismo na arte obriga, e conjuntamente terão traduzido essa intuição nas mais elevadas criações de que ela é capaz.

Os mauristas compreenderam muito bem quanto a grandeza e a solidez, e diremos mesmo a autoridade da expressão do labor do pensamento humano, dependiam do grau em que se constituíam em anônimo. « O segredo da obra maurista está em ter sido um trabalho corporativo, efectuado pela colaboração de exércitos de silenciosos trabalhadores desconhecidos. Muitas das suas obras iam a correr mundo sem levar qualquer nome, nem mesmo do editor, sòmente com a inscrição *labore et studio monachorum S. Benedictini congregationis S. Mauri* — descrição que verda-

DIFICULDADES DO NACIONALISMO

deiramente representava os factos, pois semelhantes trabalhos não podiam ser levados a cabo por um só homem¹.»

Onde a arte nacionalista se personificar e aristocratizar, aí se desvaira e perde. Onde floriu, é anónima e ao anonimato teremos de a pedir; por condição da sua profundez e amplitude o exige. Onde se individualizou, adoeceu da compressão individualista e por ela se desfigurou e amesquinhou.

O nacionalismo estético individualizado, e nessa condição essencialmente contraditório, é uma doença moderna, enfermidade própria da hipercultura vaidosamente solipsista. Antigamente, não era assim. Antigamente, a arte nacionalista era apanágio da grei, no sangue da qual andava livre e pujante; não vivia ou pretendia vi-

¹ Cuthbert Butler, *Benedictine Monachism*, pág. 340. (Longmans, Green & Co, Londres, 1901.)

ver em qualquer refúgio palatino. « Anticamente, nem escritores nem leitores davam à pessoa a alta importância que hoje lhe damos. Não inquietavam Homero, nem ninguém, a saber quem era Homero. Não se inquietavam a saber dos escritores da antologia grega, os quais podiam escrever e tornar a escrever o mesmo poema em linguagem quási idêntica, tendo a noção de que o poema e não o poeta é o que importa, e que é por uma contínua remodelação que se pode achar a mais perfeita expressão do poema. Não se inquietavam com isto os trovadores mediévicos que, como os architectos das catedrais, deixavam sem assinatura as suas obras ¹. »

Porventura os destinos do nacionalismo na arte estarão afinal dependentes da maior ou menor profundidade com que êle possa

¹ E. M. Forster, *Anonymity*, págs. 15 e 16. (The Hogarth Press, Londres, 1925.)

DIFICULDADES DO NACIONALISMO

subsistir e prolongar-se e renovar-se no anonimato. Será matéria étnica subconsciente, rebelde à vontade singular; não é objecto de heroicidade inspirada ou de talentos privilegiados de peregrinos eleitos. « A criação vem das profundezas — o místico dirá — de Deus. A assinatura, o nome, pertence à personalidade — superfície ¹ », e onde ela se gravou, acrescentaremos nós, aí se deu na criação um golpe pelo qual se esvai o melhor do seu sangue e ela entra na palidez da anemia precursora da morte. E então, na presença dêsse poder anónimo supremo da criação nacionalista, quanto resta às escolas e à invenção e ao engenho é subscrever uma simples e radical declaração de impotência.

XXIV. Modernamente, no correr dêstes últimos cinqüenta anos, pensadores e

¹ E. M. Forster, *loc. cit.*, pág. 22.

artistas de subido mérito e generosas aspirações, alguns dêles copiosamente favorecidos do génio, tomaram a peito a conciliação da escola e da espontaneidade, e procuraram certo sistema de redução à unidade da intuição e da razão, em questão de arte. Fazendo inventário do legado tradicional anónimo têm querido torná-lo matéria prima do labor do engenho individual; e dêste modo criariam qualquer coisa nova que, sendo comum, não deixava de significar o talento singular.

A isto se chamou a arte popular, neste sentido: uma arte que vindo do povo e sendo amada do povo, pelo que o povo nela encontrava de seu, filho do seu génio, todavia fôsse também das academias e das aristocracias, pela disciplina a que estas a houvessem sujeitado e pela expressão de talentos individuais de que fôsse instrumento. Por milagre de um desdobramento, contraditório em princípio, essa arte sub-

DIFICULDADES DO NACIONALISMO

entenderia a emancipação da arte ingénua, agora entrada na majoridade, consciente das suas responsabilidades e cogitando-as e cumprindo-as, sem pelo facto desmerecer da candura da idade infantil ou abdicar da sua graça.

Não sem êxito, até mesmo, e não raro, tornando-se célebres por obras belas e numerosas, de perdurável valor, os autores e avisados executores dessa reforma estética esforçaram-se na fundação de uma arte que pela pronta insinuação da sua sublimada singeleza captasse e alegrasse por igual o deleite dos mais humildes e rudes e a contemplação esclarecida dos mais cultos e elevados.

Nenhuma arte se poderia inventar que melhor conviesse à encarnação do nacionalismo, nenhuma o serviria mais perfeitamente. Aqui caberiam e se acomodariam as suas mais livres tradições e os rigores mais severos e complexos das suas escolas.

Parece, porém, que a experiência não justificará, até hoje, esperanças seguras da subsistência de semelhante consórcio; de continuo se vê ameaçado de conflitos instigando ao divórcio.

Essas tentativas, por muitos títulos admiráveis e havendo mesmo produzido maravilhas, nunca lograram entretanto aquilo que deveríamos supor o seu fim principal — ser tão compreendidas e amadas no sentimento do vulgo como queridas nas preferências e uso das aristocracias. E perante êsses sinais de fraqueza ou insuficiência, na verdade de surpreender, se consideramos a excelência da sensibilidade estética e moral provada e a capacidade técnica assombrosa daqueles que se arrojam à empresa e a traduziram da realidade do sonho para a realidade das coisas; perante as incertezas da jornada tão bem aparelhada e provida, será lícito suspeitar que essas tentativas sofreriam vício

essencial que a mais hábil destreza não conseguiu corrigir. Porque essa arte popular, por mais popular que pretenda ser, afinal sempre se encerra em círculos aristocráticos e só abunda à mesa de eleitos, da qual apenas migalhas caem no chão inculto.

Ora êsses vícios que estorvam a popularidade da arte popular moderna e a têm mantido em reclusão, serão, em primeiro lugar, a obsessão de criar o que não é susceptível de ser criado pelo génio singular porque criado está pelo génio da grei e só dêsse pode gerar-se; e, depois, a inversão de valores que chamou « grande » à mais pequena das artes e « pequena » à maior de tôdas.

A aspiração da arte popular moderna só poderá vingar quando se limite a descobrir, zelar, respeitar e propagar o *criado* espontâneamente. Só assim poderá entrar no amor comum, e o que para êsse efeito

se tornará necessário, não é criar o que criado está por seu legítimo autor, é renascer a sensibilidade própria para o apreciar, a qual sensibilidade anda doente e corrompida. O que importa é renovar o espírito que a alimente e a mantenha sã-dia, espírito que anda perdido pela fascinação das idolatrias a que demos o nome de grande arte.

Indissolúvelmente ligada à arte popular, uma só arte sob diferentes nomes, a arte nacional carece, para não se perder, de se acautelar contra os desvarios em que a grande arte a induz, e reclamar para si a precedência e superioridade que a natureza e a história lhe outorgaram.

Se a salvação da arte nacional nos apai-xona e tem de viver vida prática, não se esqueça que a arte popular precede — não é « precedeu », note-se, é « precede », é o facto de uma actualidade constante — a arte popular precede a grande arte, essa

DIFICULDADES DO NACIONALISMO

que se tornou apanágio das aristocracias e dos cenáculos. Pelo grau de beleza e pelo vigor e intensidade das suas energias, a arte popular em todo o tempo e conjuntura sobreleva a quaisquer invenções, ainda as mais complexas e opulentas, das individualidades empoladas que, tendo em conta de barbaria a expressão comum do sentir comum, tenta com grande cortejo de vaidades e soberbas sobrepujar e confundir no limbo da pequenez as riquezas e a fortuna do património anónimo. Entretanto aspira diligentemente a tutelar e administrar e afeiçoar a capricho os bens dêsse património, para semelhante delapidação dando como pretexto a minoridade do seu legítimo e genial autor. Dispondo dêsse património com uma liberdade e uma arrogância muito mais despoticamente absorvente e dissolvente que desinteressadamente paternal, a arte pseudo-grande estiliza-o a seu modo — « estilizar » é a más-

cara da injúria, é o traiçoeiro eufemismo pelo qual se permite tôda a mutilação e atropêlo daquilo em que se encerrou e está patente e nos foi transmitido, para nossa alegria e edificação, e expressão do maior dos génios, que é o génio da grei, do génio que, sendo da humanidade e não dos homens, daí tira seus acentuados laivos de eternidade. Não se limita essa arte a fulgurações passageiras das actividades e arrebatamentos individuais, sempre efémeras, acanhadamente relativas ao seu tempo, por mais vastas e amplas que se nos afigurem; muito além disso e acima disso, êsse génio reside e prolonga-se no sangue e nos instintos de gerações sem fim, e não pode o nosso espírito designar-lhe o comêço como não pode marcar-lhe o fim.

Na verdade, a arte nacional, no seu estado de sublimidade e pureza que é a arte popular, teve uma gestação que durou séculos e não cabe em as nossas previsões

DIFICULDADES DO NACIONALISMO

conceber-lhe o t ermo. Nasceu com as raças e com o rincão da terra que elas habitam; criou-a o povo e formou-a   imagem da sua visão do mundo e da alma, e   lei da necessidade e das exigências da sua condi o orgânica e do lugar em que o destino a fez nascer; integrou-a na sua vida, em uma unidade indissolúvel com o seu ser, para viver enquanto  le viver e o representar em formas tangíveis. Nem a lógica nem a observa o histórica outra coisa admitem.

O que aconteceu e f cilmente nos induziu a crer que havia duas artes, uma dos confission rios e dos devotos,   qual pediamos um nacionalismo de encomenda e posti o, e outra das multidões bárbaras,   qual desconheciamos o seu genuíno nacionalismo orgânico, o que deu causa a semelhante apartamento mortal, foi apenas a inversão de valores na qual sobrepusemos o acidente individual   fidelidade da

intuição gregal. Foi um facto de corrupção e degeneração da arte popular, desnaturada pela sensualidade, ociosidade e ostentação de temperamentos anchamente impregnados de fastio; foi, afinal, o aviltamento da grandeza gerada colectivamente e depois prostituída pelas fantasias de camadas, em geral governantes social e politicamente, e afreimadas a mostrar a sua qualidade e autoridade por abundância de regalos e complexidades que as distingam dos seus servos, reputados indigentes.

O que a arte popular sofre, e com ela a arte nacional, é unicamente a inundação, que a oculta mas não a afoga, das deformações do que nasceu por singeleza e para a singeleza e para a sinceridade, é a torrente do supérfluo pelo qual as imaginações doentias a adulteram e estragam, é o pêso morto, que a oprime, das demasias, exuberâncias, excrescências e violações que totalmente lhe obscurecem a pureza

nativa da linha e da forma, aquela sua divina nudez em que veio à luz, invariavelmente bela.

Porventura a salvação da arte nacional será apenas, e muito exclusivamente, questão de libertação da arte popular que pena no tumulto ingente da demência industrial, estética e religiosa.

Foi William Morris quem disse, se não me engano, que até próximo do seu tempo jãmais se encontrara um vaso que não fôsse belo — isto é, a forma foi incorruptivelmente bela enquanto se manteve humilde e anónima, e desvirtuou-se e foi feia desde que os *talentos* de assinatura, rubrica e data a tomaram para seu uso. Observe-se tôda e qualquer expansão da arte popular na sua inteireza e genuinidade — a cerâmica, os metais, os móveis, a casa, os tecidos, as rendas, as festas, os torneios, a música, a dança, a fala, o gesto, — observe-se a rudeza estética nas suas infinitas modali-

dades, que tantas são quantas as manifestações concretas da vida económica, e sempre lhe acharemos a subtil coerência e harmonia própria da sinceridade e da candidez do impulso íntimo que lhe deu existência tangível, e nos comunica serenidade e contentamento incomparáveis, por nenhuma outra via susceptíveis de se alcançar.

Nessa rudeza estética, e só aí, acharemos o refúgio último e o único seguro do nacionalismo na arte.

XXV. No século XII, a Provença e os países que partilharam da sua civilização, tiveram por intérpretes da poesia os trovadores e os menestreis, recrutados uns entre gente de nascimento nobre, habitando ordinariamente os palácios, e tirados os outros da burguesia e de classes afins, e até humildes. Mas trovadores e menestreis não andavam todavia tão dis-

DIFICULDADES DO NACIONALISMO

tantes e afastados que os trovadores nobres não se juntassem a cantar com os menestres populares; e assim as aristocracias literárias e sua meditada arte aprendiam directamente com as plebes e sua rude ingenuidade, entretanto se educando as plebes e se lhes corrigindo a rudeza pelo exemplo e contacto immediato das aristocracias. A colaboração era contínua e estreita, resultando que nem o culto se apartava do comum, em que retemperava a mocidade, nem o comum ignorava o culto e se divorciava ou sequer fugia do govêrno da sua experiênciã e estudo em que a simplicidade se disciplinava. Da rua ao paço e do paço à rua, tão seguido e trilhado e fácil era o caminho que todo o pendor e desnível alternadamente abatia e se erguia, a tal ponto que se tornava impossível discriminar os que subiam e os que desciam, e quando e onde. Tão assídua era a permuta de dotes próprios que

ao fim se constituía em unidade de compreensão, sensibilidade e deleite.

As guerras e as vicissitudes políticas cedo estrangularam e desmembraram a civilização provençal. Precipitada em torvelinho de tradições fragmentadas, partilhada por diversos génios e diversas línguas, passou a viver aos pedaços, mutilada e mortificada, mesmo naquelas terras onde durante breves dias se formara e prosperara, florindo por um momento na plenitude da sua graça e harmonia. Certo é, porém, que ainda assim ficou memorável e não de todo inactiva nas criações que se lhe seguiram e alguma coisa tomaram do seu alento; depois da Grécia e de Roma terá sido talvez um dos casos mais brilhantes, senão o mais brilhante, que a história recorda, da integridade da arte nacional abrangendo na sua palpação e confundindo em uma só aspiração tôdas as classes e todos os elementos humanos

DIFICULDADES DO NACIONALISMO

adentro do espaço em que se move. Para nós, latinos do ocidente, essa arte provençal foi talvez o canto do cisne da unidade íntima e externa essencial a uma arte robusta e genuinamente nacional.

Logo após viria o renascimento e cortaria aquela subtil mas segura escada de Jacob pela qual os homens subiam aos céus e os anjos desciam à terra, sem que as asas dos anjos se ferissem tocando a aspereza dos ombros dos homens endurecidos no trabalho, ou os ombros dos homens enjeitassem os afagos das asas dos anjos, emplumadas no recato da quietação paradisíaca. E ao renascimento havia de seguir-se a revolução industrial mecânica que com a alteração profunda da condição económica das sociedades determinaria os apartamentos de classe que foram mortais para o nacionalismo na arte.

Nem a divulgação das democracias políticas que acompanharam a revolução

fabril moderou sequer a decadência do nacionalismo. Pelo contrário, a democratização política das sociedades, onde interressou à arte nacionalista, foi para a dissolver pela repercussão estética das lutas de classe, que nunca para a fortalecer por intimidade ou afeição das classes que produzisse.

O último esboço de uma arte nacionalista ponderada e ampla foi a Idade-Média que no-lo deu. Desde então até hoje todos os sonhos de novas formas práticas de semelhantes aspirações se mostraram passageiros e instáveis, e o problema prolonga-se sem solução, embora superiores talentos e divinas intenções a cogitem e tentem.

46347



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

DIFICULDADES
ÉTNICAS E HISTÓRICAS DA
INSINUAÇÃO DO NACIONALISMO
NA ARTE PORTUGUESA CON-

DIFICULDADES ÉTNICAS
E HISTÓRICAS DA INSINUAÇÃO
DO NACIONALISMO NA ARTE
PORTUGUESA CONTEMPO-
RÂNEA

bibRIA

UA - SD



155060

Câmara
de Instrução
Dr. João
Sardinha

UNIVERSIDADE DE LISBOA
BIBLIOTECA DE HISTÓRIA

DIFICULDADES ÉTNICAS
E HISTÓRICAS DA INSULAÇÃO
DO NACIONALISMO NA ARTE
PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

RÁBIA

bibRIA

JAIME DE MAGALHÃES LIMA

DIFICULDADES
ÉTNICAS E HISTÓRICAS DA
INSINUAÇÃO DO NACIONALISMO
NA ARTE PORTUGUESA CON-
TEMPORÂNEA



IMPRESA DA UNIVERSIDADE

COIMBRA - 1931

JAMES DE MAGALHÃES LIMA

DIFICULDADES
ÉTICAS E HISTÓRICAS DA
INSINUAÇÃO DO NACIONALISMO
NA ARTE PORTUGUESA CON-
TEMPORÂNEA

bibRIA

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

COIMBRA - 1931

Coligidas em diverso momento e sob a sugestão do acaso e de observações e realidades de vária natureza, estas notas sempre careceram de consistência lógica aparente, e hoje parecerão talvez destituídas totalmente de oportunidade que lhes justifique a audácia de vir a terreiro.

Porque, exactamente na hora presente, o nacionalismo velou-se no mais cerrado eclipse que na história tem sofrido; a guerra foi-lhe um grande e terrível desengano, angustiioso, e ao acordar dêsse pesadelo o mundo tem-se engolfado precipitadamente em uma febre de unificação nunca sentida e, muito menos, nunca a tal ponto positiva em suas

afirmações e conseqüências concretas. O internacionalismo domina a politica e a economia e a arte e a moral e a crença, tôda a esfera da necessidade e tôda a vastidão do pensamento e todo o alvoroço da comoção, tôda a criação e todo o feito da nossa razão e da nossa vontade. Os homens vestem-se pelo mesmo figurino, externo e intimo, clamam na mesma babel, e até a paisagem entra a modelar-se e tingir-se de árvores exóticas. Tudo é em série e objecto de coincidência. Em quanto a mecânica prodigiosa dos transportes modernos suprimiu lugares e distâncias e a tudo e a todos pôs perto e em contacto pouco menos de immediato, simultaneamente se dissipam estranhezas, incompatibilidades e antipatias que nós havíamos por eternidades incoercíveis e hoje encontramos banidas do nosso comércio e substituídas

pelas sacras teorias da identidade e da afeição, franca, sem reserva, milagrosamente doce e fecunda.

Sob diferente luz, todavia: que a posição dos astros e o seu fulgor não obedecem ao capricho e à exigência do homem, e o mesmo ser vestirá túnica diferente conforme a latitude que lhe dá sua côr, purpurina ou pálida.

Do antigo nacionalismo apertado em fronteiras de quatro côvados e hoje diluído em continentes circundados de fronteiras de milhões de braças, alguma coisa ficará irreduzível, subsistente, activa, vicejante e bela em seus renovos. Porque as energias que lhe produziram a semente e uma vez a fizeram germinar nem tôdas se esgotaram. Nem são susceptíveis de se esgotar. Algumas persistem superiores a todo o agravo das vicissitudes dos tempos, vernáculas, de raiz, em tôda a

condição se renovando e crescendo, invulneráveis. E porventura da confluência dessas energias e dos poderes misteriosos que se lhes opõem virá que a nossa aspiração tenha de se cifrar em traduzir no nacionalismo o internacionalismo, por arte de harmonia e inspirado ritmo conciliando os dois impulsos genesíacos, a cada qual respeitando e, também, cultivando seus foros e peculiaridades e propensões, sem prejuízo de um paralelismo essencial.

Daqui, da instância deste mito — se assim houver de cognominar-se semelhante conceito — a ressurreição e publicação destas velhas notas.

Certamente, não sonham, nem de longe, apontar soluções planas dos problemas inumeráveis que o nacionalismo nos formula; não chega a tais extremos a sua insensatez.

DIFICULDADES DO NACIONALISMO

Mas nas obscuridades dos seus erros e divagações multiplicando os problemas que as determinaram e as suas dúvidas e hesitações, humildemente cobram a afoiteza de vir à luz na esperança de que, ainda mesmo na sua frouxidão de nascença, poderão talvez murmurar interrogações proveitosas, às quais os talentos alheios acudam, dando-lhes resposta mentalmente clara e segura e praticamente consoladora em seus efeitos de beleza.

Setembro de 1931.

J. M. L.